



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A presença da crítica social na imprensa negra brasileira: análise da seção *Opinião de Raça* na revista *Raça Brasil*

Anderson Lopes da Silva

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo [FACNOPAR]. Especialista em Comunicação, Cultura e Arte [PUCPR], em andamento. Colaborador do site jornalístico *Mundo Bacana*, sobre cultura midiática (Curitiba-PR).

E-mail: anderlopps@gmail.com.

Prof. MSc. Fernando Klein

Graduado em Comunicação Social – Jornalismo [CESUMAR]. Mestre em Estudos Literários [UEM]. Professor dos cursos de Com. Social da FACNOPAR. Editor de política do jornal *Tribuna do Norte* (APUCARANA-PR).

E-mail: fernadoklein@gmail.com.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo mostrar como o cenário da imprensa negra tem se modificado ao longo dos anos nos contextos histórico-político e social brasileiro. A análise dos textos opinativos da revista *Raça Brasil*, passa pelo critério de escolha única de discursos redigidos na seção “*Opinião de Raça*”. A metodologia segue a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. O que se pretende analisar nos gêneros textuais em questão é a presença da crítica social em seus diversos matizes relacionados à luta contra o racismo, à luta pelas cotas sociais do negro, a representação midiática e da cultura negra nos meios de comunicação, além de uma série de temas catalogados durante a pesquisa nas páginas digitalizadas da revista. A imbricação entre os aspectos culturais e linguísticos presentes nos textos, também será levada em conta.

Palavras-chave: Imprensa negra brasileira. Revista *Raça Brasil*. Crítica social.

INTRODUÇÃO

A presença do negro na imprensa brasileira sempre esteve muito restrita a determinados veículos que ora o representavam de forma discriminativa, ora simplesmente sequer nem os representavam socialmente. Assim, a escolha dessas edições (num total de 69 números - não sequenciais - digitalizados pelo site da revista) traduz-se por serem as únicas onde a seção *Opinião de Raça* aparece explicitamente.

Os anos e os números das edições pesquisadas são os seguintes: 2007 (nº115), 2010 (nº146, nº147), 2011 (nº152, nº156, nº157). Outros textos opinativos em seções esporádicas como *Editorial*, *Palavra de Raça* e *Questão de Raça* não foram analisados por trazerem conteúdos de pessoas convidadas a dissertar sobre um determinado assunto. E, mesmo que elas contenham alguma crítica social, a seção *Opinião de Raça* foi escolhida por representar o pensamento do Conselho Editorial da Revista Raça Brasil (um detalhe a ser destacado é que todos os textos selecionados são escritos por um só autor, o então editor da revista em questão).

Os resultados obtidos tendem, assim, a apresentar outra faceta da Imprensa Negra que dantes lutava pela causa abolicionista, mas agora usa seu espaço no campo jornalístico para lutar contra a discriminação e contra o embranquecimento do jornalismo público. Nesse contexto, a presença do negro no cenário jornalístico atual será sucintamente levada a questionamentos.

Chega-se finalmente, dessa maneira a uma conclusão não menos importante: a de que o mundo das letras (e até mesmo da literatura) é realmente plural e democrático ao dar voz e vez aos negros brasileiros por um viés que permeia desde o jornalismo público cidadão à comunicação popular.

O uso de uma metodologia voltada especificamente para o jornalismo e seus temas de interesse acadêmico, faz-se necessário para dar uma validade maior ao campo de estudo da Comunicação Social e suas ligações com a grande área das Ciências Humanas.

Perpassando pela origem dos jornais impressos produzidos e direcionados ao público negro, o artigo intenta mostrar a evolução da imprensa negra como espaço de liberdade de pensamento e de voz das minorias sufocadas. Em última instância,

a revista Raça Brasil é analisada como ferramenta de inclusão do negro no mundo da produção das notícias.

A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística é usada como embasamento principal nas observações dos textos selecionados (DUARTE; BARROS, 2006). Luiz Gonzaga Motta (2005, p. 1), jornalista, pesquisador e professor adjunto da Universidade de Brasília (UnB), descreve a metodologia de maneira breve, mas clara. Para Motta, a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística tem como seu foco: “o estudo das narrativas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. [...] a análise pragmática da narrativa jornalística permite a interpretação simbólica e revela metanarrativas culturais pré-jornalísticas.” Como exemplo ele sugere a análise da construção de significados por meio de uma reconfiguração ou ressignificação do que se entende por acontecimento jornalístico, sem deixar de lado: “conflitos, episódios funcionais, personagens, estratégias de objetivação (efeitos de real) e subjetivação (efeitos poéticos) e do ‘contrato cognitivo’ entre jornalistas e audiência”.

1. BREVE HISTÓRICO DA IMPRENSA NEGRA NACIONAL: A VEZ E A VOZ DO NEGRO

Antes de se iniciar propriamente uma retrospectiva histórica acerca das origens de uma Imprensa Negra no Brasil, faz-se necessário observar a afirmação de Clóvis Moura e Miriam Ferrara (2002, p. 3) que julgam não existir nos tempos atuais ainda uma legítima imprensa negra. Primeiro que o conceito de imprensa negra é o de um veículo produzido e voltado aos negros como forma de proporcionar visibilidade aos ideais do negro na sociedade da informação, ou nas palavras do autor, veículos nos quais se pode ver que a “‘elite negra’ pensante, composta, na maior parte, por autoditadas, pequenos funcionários públicos ou gente entregue a variados tipos de trabalho” via nas letras e na cultura a “ferramenta para subida social”.

Segundo ele “a ‘ imprensa negra’ com as implicações e o universo que a coloriu abundantemente de negro de 1915 às proximidades dos anos 70, não existe mais.” Sequer: “existe mais aquele leitor negro altamente receptivo e participativo, sócio ou freqüentador de associações ou entidades negras” (MOURA; FERRARA,

2002, p. 4). Esta afirmação, neste momento, serve apenas para contextualizar a linha cronológica sobre o movimento dos negros na imprensa escrita, porém, mais adiante, terá seu devido questionamento neste artigo.

Posto isso, Moura e Ferrara (2002, p. 6) em seu estudo crítico sobre o assunto, nos apresentam a Imprensa Negra como limitada ao período de 1915 a 1963. O autor nos diz que além do registro histórico deste setor, por assim dizer, da imprensa; a própria imprensa negra é ignorada por muitos em sua essência e em sua representatividade para o jornalismo brasileiro. “Pouco conhecida e não incluída nos programas das escolas de comunicação [...], a imprensa negra ficou na penumbra, como se fosse pouco significativa”. Ele completa: “A sua importância foi desgastada por uma visão branca da imprensa, que marginalizou os jornais negros impressos na época”.

Iniciando com o jornal *O Menelick* (1915), passando pelo *O Clarim da Alvorada* (1924), até chegar ao *A Voz da Raça* (1933), é nítida a preocupação jornalística dos impressos em apresentar sempre reivindicações, conteúdo pedagógico e o posicionamento do negro frente ao mundo do branco. (MOURA; FERRARA, 2002, p. 6-7). Em sua maioria esses e outros jornais representativos da imprensa negra tiveram sua circulação principalmente nos estados de S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, de acordo com Freitas (2009, p. 9).

Outros exemplos como *O Xauter* (1918), *O Bandeirante* (1919), *O Alfinete* (1919), *O Tamoio*, *A Liberdade* (1920), *A Rua* (1918), entre tantos outros, mostram a proficiência da imprensa negra nacional. Na obra *Imprensa Negra: a trajetória visível*, Freitas (2009, p. 10) confirma o quão importante foi a publicação de obras produzidas e dirigidas aos negros:

A criação de folhetos e pequenos jornais para divulgar casamentos, festas religiosas e sociais foram os primeiros passos dados no final do século XIX. Denotavam principalmente a existência de personalidades esclarecidas entre os negros recém-libertos.

Dentre essas personalidades letradas, o autor ainda afirma que, independentemente do gênero, homens e mulheres tinham plena confiança de que, por meio da imprensa negra, poderia ocorrer uma manifestação pragmática e política contra os obstáculos postos pela sociedade excludente e racista para com a luta e os esforços de um grupo liberto, mas que estava “jogado nas cidades sem

emprego, sem preparo para o trabalho livre e sem estímulo para ocupar postos no mercado de trabalho.” Ele ainda afirma:

Além de letrados, esses cidadãos e cidadãs esclarecidos conheciam os procedimentos de convivência em sociedade, bem como eram instruídos a respeito do trabalho no comércio, nos portos e na construção de ferrovias. Sobretudo, tinham percepção de que a educação poderia contribuir para a afirmação do negro e sua integração na sociedade. (FREITAS, 2009, p. 10).

Além desses veículos, muitos outros foram se sucedendo no decorrer da história da imprensa negra. Entre estes, o jornal *A voz da Raça* teve importância fundamental por mostrar um olhar político e participatório do negro na sociedade da época, inclusive por que “era o órgão da Frente Negra Brasileira, fundada em 16 de setembro de 1931” (MOURA; FERRARA, 2002, p. 8). Ainda que corramos o risco de sermos omissos por nos esquecer de citar outros veículos de relevância ao cenário afro-brasileiro, chegamos ao ano de 1963 com o jornal *O Correio d’Ébano*.

Em suma, todos os jornais impressos que apresentam o negro à frente da produção da notícia e de seus valores, apresentam a inquestionável presença do cidadão negro oprimido e estigmatizado na sociedade. Aliás, o racismo enfrentado por eles era o grande propulsor das divulgações, como relata Freitas (2009, p.12) e Muniz Sodré (1998, p. 2), ao citar as principais características do chamado racismo midiático: a negação da existência do racismo, o recalcamento, a estigmatização e a indiferença profissional.

O formato desses jornais, segundo Balsalobre (2010, p.52), em geral tinham quatro páginas e seguiam um estilo meio padronizado na primeira página: havia o cabeçalho, com o título e subtítulo, além dos nomes dos responsáveis pela edição, a data e o número daquele periódico. Os gêneros textuais adotados nos jornais da imprensa negra da época são de suma importância para se entender o contexto histórico da época e sobre a legitimidade ou não de uma verdadeira publicação da imprensa negra. No entanto, ainda se faz necessário refletir um pouco mais sobre a importância histórica do movimento destes homens “de cor” e a presença constante da Frente Negra Brasileira, o que é, justamente, tema do tópico a seguir.

2. A LINGUAGEM DO JORNALISMO DOS HOMENS “DE COR”, SUA LITERATURA E A FRENTE NEGRA BRASILEIRA

. Nas duas versões em fac-símile do jornal “O Menelick” (1916) e “A Voz da Raça” (1933) são visíveis alguns fragmentos do universo da práxis jornalística destes homens “de cor”, como os jornalistas negros se autodefiniam nas páginas destes periódicos.

O trabalho de reproduzi-los (em tamanho, diagramação original e ortografia da época), por meio de fac-símile, é creditado ao esforço conjunto da Imprensa Oficial e do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo (com especial participação do COJIRA – Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial), que juntaram todo este material na obra “Imprensa Negra – Estudo Crítico” (2002), de Clóvis Moura e Miriam Ferrara.

Pois bem, numa análise lacônica sobre estes dois jornais brasileiros do início do século XX, o jornalismo e a literatura ainda estavam muito ligados, não apenas por meio da publicação de versos, contos ou crônicas, mas também por uma linguagem jornalística muito arraigada de teor literário. Bem diferente do que se pode atestar hoje nos veículos jornalísticos que prezam, acima de tudo, pela objetividade, clareza, precisão e simplicidade, muitas vezes, em detrimento do estilo.

Na edição do dia 1º de janeiro de 1916 (ano 1, nº 3), em São Paulo-SP, o jornal “O Menelick” trazia abaixo do título a seguinte descrição “Orgam mensal, noticioso, literario e critico dedicado aos homens de cor”. No período ele era dirigido pelo redator-chefe Deocleciano Nascimento e pelo redator-secretário Geralcino de Souza. O título do jornal, fundado em 17 de outubro de 1915, é uma homenagem a um soberano da Etiópia, único país africano a não ter a sua independência abalada, chamado Menelick II.

Em suas quatro páginas, o jornal mostra o apreço por seus leitores e leitoras, a poesia de um jovem marinheiro apaixonado, um conto de Marcus Primus sobre a Revolta da Ilha de S. Domingos, versos dedicados às mães, ao próprio redator-chefe do periódico, ao tenente Octávio dos Prazeres e para outras pessoas da época.

Entre as literaturas apresentadas, o conto de Primus é interessantíssimo por mostrar o amor impossível entre uma jovem branca racista que, no meio de um incêndio em sua casa, foi salva por um jovem negro. No incêndio, provocado por ex-

escravos revoltados, o chefe destes prepara-se para matar a jovem, mas o salvador dela interpela ao chefe que poupe a vida de sua amada. O conto termina falando da vergonha da jovem branca (“linda, loura, mais loura que uma filha de Albion”) que se lembra de ter insultado o rapaz. Ele, por ter infringido a lei dos revoltosos, é morto numa árvore e a jovem é poupada. Primus finaliza: “[...] elle docemente morreu, [...] como um bravo [...]. E agora junto ao cadaver puderam dizer: que os negros são tão gente como os brancos”.

Além disso, o noticiário estava voltado às eleições de ilustres pessoas para algumas diretorias, não especificadas, mas que, possivelmente seriam de sociedades e clubes dançantes voltados aos negros (o título desta coluna é ‘Pelos Salões’).

Outro dado interessante é que há espaço para a opinião do jornal “sobre algumas moças que elle julga merecer votos de belleza”, na qual é descrito o bairro e os nomes de algumas jovens. A coluna social é outro marco importantíssimo em “O Menelick”: há notas sobre aniversariantes (Fizeram Annos), pessoas que estavam enfermas, nascimentos, casamentos e mortes (Necrologia - Passamentos). Uma coluna dedicada às respostas do jornal aos seus leitores e pedidos de colaboração, mais um espaço dedicado á paqueras e recadinhos anônimos, também podem ser vistos nesta edição de 1916.

Os leitores do jornal podiam colaborar com cartas, sugestões e críticas, bastava que enviassem ao endereço do redator-chefe (Rua da Graça, 203) e, claro, havia uma advertência dura – e bem humorada – para os plagiadores: “O ‘Menelick’ declara publicamente que toda e qualquer collaboração que cahir na sua caixa e elle descobrir que ella foi roubada de algum livro, revista ou cousa que o valha, nem que seja o rei que assigne, vae pr’o balaio e nome do collaborador falso é criticado por quanto tempo for lembrado.”

Mesmo com a qualidade editorial do veículo, a edição analisada aqui foi feita em cima da última a ser publicada. Nem mesmo o valor adiantado da assinatura de 1\$500 por seis meses pagos pelos leitores (que eram avisados pelo jornal a pagar, quando se atrasavam), foi suficiente para mantê-lo funcionando.

Já a edição de sábado, dia 18 de março de 1933 (ano 1, nº 1), do “A Vóz da Raça” (*sic*), tinha como subtítulo a seguinte frase: “Orgam oficial da ‘Frente Negra Brasileira’”. E, dentro da identidade visual gráfica do título, o desabafo de Isaltino

Veiga dos Santos (um dos fundadores da Frente Negra Brasileira): “O preconceito de cor no Brasil só nós os negros o podemos sentir”.

Dirigido, também, pelo redator Deocleciano Nascimento, secretário Pedro Paulo Barbosa e o gerente A. de Campos; o jornal apresenta nesta edição quatro grandes páginas contendo longos textos, fotografias e dados estatísticos da Frente Negra Brasileira (FNB).

Com sede em São Paulo, “A Vóz da Raça” trazia na capa de sua primeira edição um editorial, uma mensagem aos frentenegrinos (membros da FNB), uma homenagem póstuma a um ilustre negro da época, Francisco Costa dos Santos, e uma reportagem crítica sobre a prisão indevida de jovens negros atores do Corpo Cênico da FNB.

Esta reportagem, em especial, mostra a cobrança do jornal para uma resposta da polícia paulistana. Na grafia da época, ela diz: “É necessário que o Sr. Dr. Chefe de Polícia tome uma providência afim de coibir tais abusos de seus subordinados. A Frente Negra não é uma organização suspeita ou clandestina e por isso deve ser merecedora de respeito, não devendo os seus socios serem detidos ou passar vexames ao saírem da séde da mesma”.

Nas páginas seguintes há um balanço geral (de 10/1931 a 09/1932) da FNB e de seu caixa (entradas, despesas, receitas e detalhamentos dos gastos). Um texto do “Jornal de Uberaba” em homenagem ao lançamento de “A Vóz da Raça”, propagandas institucionais (para membros da FNB) e recomendações, repreensões, chamadas de prestação de contas e outros assuntos de foro particular dos Inspetores, Sub-Inspetores, Fiscais e Cabos da FNB.

Na página em questão, uma fotografia chama muito a atenção: Getúlio Vargas (então Chefe do Governo Provisório) e Isaltino Veiga (Secretário Geral da FNB) estão juntos no Palácio do Rio Negro, em Petrópolis, para discutir questões de interesse da instituição que Veiga representava. Sem texto nenhum, a fotografia por si só (e a legenda) pareciam reforçar o acontecido, como “prova” de que a FNB estava tendo reconhecimento pela autoridade máxima do país.

Ao fim, há notas dedicadas à coluna social, informações sobre aquisição de livros na Biblioteca da FNB, convocatórias ao “Grandioso Festival Litero e Musical” e esportes organizados pela instituição, além de uma carta recebida de outro jornalista (Sr. Marcio Ferreira, redator de “Tribuna d’África”) residente em Lourenço Marques,

África Portuguesa (Moçambique). Na correspondência, ele parabeniza a FNB e pede mais detalhes sobre a agremiação e o jornal, pois como “nativo” – diz ele – “e no intuito de contribuir com minha cota parte para o progresso da Raça, venho rogar a V. Excias. a subida fineza de enviar pelo primeiro correio publicações que condensem os objetivos dessa empresa”.

O jornal circulou até novembro de 1937, com uma periodicidade complexa e atribulada. Inicialmente semanal, a partir de 5 de agosto de 1933, o periódico passa a ser publicado quinzenalmente. Só em 11 de maio de 1935, “A Vóz da Raça” começou a ser publicado mensalmente, ou seja, aproximadamente dois anos antes de acabar.

E, já que muito citada neste trabalho, torna-se preciso explicar um pouco mais sobre a criação, os objetivos e a forma de trabalho da Frente Negra Brasileira. Criada em 16 de setembro de 1931, a agremiação representou um dos grandes passos do negro brasileiro em formalizar suas reivindicações perante a sociedade e a legislação nacional.

Segundo Hofbauer (2006, p. 347), os contextos sociopolítico e econômico apresentavam um cenário bem conturbado: no exterior a quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929) abalou toda a economia mundial e no Brasil, com a política de viés populista-nacionalista, projetos desenvolvimentistas e de modernização da economia brasileira, começavam a ser perceptíveis. Outro dado importante do período era que, com o crescente êxodo rural brasileiro, os empregadores discriminavam trabalhadores negros ao darem privilégios de contratação aos brancos, o que motivou ainda mais a criação de uma organização como a FNB.

O pesquisador afirma que a organização foi pioneira na discussão do racismo: “A FNB seria uma das primeiras entidades a conseguir, de forma sistemática, denunciar o ‘preconceito de cor’ e foi provavelmente o primeiro grupo a usar o termo movimento negro (junho de 1933)” (HOFBAUER, 2009, P. 348). Ainda sobre sua fundação, Velasco (2009, p. 2395) relembra que antes da FNB, outros movimentos já haviam sido iniciados, mas sem a estrutura sólida da agremiação citada.

A partir de 1902, associações de negros eram fundadas nas principais cidades do Brasil. Em sua maioria, se não todas, tinham cunho exclusivamente beneficente sem nem ao menos tratar sobre política e/ou “questões de raça”. Esse cenário viria a mudar a partir da década de 1930 [...]. A Revolução de 1930 seria o grande incentivo para que os negros, já mobilizados pudessem alçar

posições na política. Os resultados revolucionários não ficariam apenas no deslocamento presidencial do eixo São Paulo - Minas Gerais. A Frente Negra Brasileira, [...] foi um diferencial para os negros brasileiros. Além de ser uma associação recreativa e beneficente, tinha boa parte de suas atividades focadas na esfera política, transformando-se, em 1936, em partido político.

O Centro Cívico de Palmares, fundado 1926, pode ser considerado como o precursor da criação da FNB. Na agremiação, além da captação de recursos para suas atividades políticas, o estímulo atividades recreativas e de entretenimento aos negros do início do século XX em São Paulo.

Esta preocupação, na visão de Velasco (2009, p. 2398) começou a se estender para outras partes da nação: “[...] a FNB mostrou-se como uma grande oportunidade para os negros superarem suas adversidades; na esfera política, [...] como porta-voz do segmento populacional negro.” A autora também comenta que: “Com discurso forte e promissor, e com grande adesão, surgiram filiais da FNB em várias cidades paulistas e também nos estados de Minas Gerias, Espírito Santo, Bahia e Rio Grande do Sul”.

Além disso, a estreita relação entre o grupo e a Igreja é outro fator que, possivelmente, levou a melhor aceitação destes com a política e com outros estados fora do eixo Rio - São Paulo. Hofbauer (2009, p. 355-356) comenta o fato: “Vários membros desta eram católicos atuantes. [...] na direção da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Largo do Paissandu havia vários fretenegrinos”.

A FNB além de dar voz aos negros livres e ansiosos por se expressarem e criticarem a discriminação, o racismo e a exclusão cotidiana que passavam, começou a existir enquanto um patrimônio de fomento também à educação. Isso fica claro, quando Petrônio Domingos (2008, p. 3), aponta a educação como uma das bandeiras mais importante da busca pela inclusão destes cidadãos negros na sociedade. “Afim, o analfabetismo era um dos principais problemas que assolavam a “raça negra”. O pesquisador da Universidade Federal do Sergipe ainda explica:

Para alterar esse quadro, os jornais da imprensa negra paulista instavam a “população de cor” a procurar o caminho da educação formal. Mas não eram apenas os jornais. As associações negras que floresceram nas primeiras décadas do século XX vislumbravam, na educação, senão a solução, pelos menos um pré-requisito indispensável para a resolução dos problemas da “gente de cor” na sociedade brasileira.

Um das figuras mais importantes da FNB foi Abdias Nascimento, ao lado de Francisco Lucrécio, Raul Joviano do Amaral, Isaltino Veiga, Francisco Costa Santos, Arlindo Veiga dos Santos, José Correia Leite (que, depois, dela se afastará por motivos ideológicos) e outras personalidades.

Abdias Nascimento nasceu em Franca-SP, em 1914, e na década de 1930 começou o seu engajamento com a FNB. Formado em Economia (Univ. do R. de Janeiro, 1938), ele foi reconhecido no Brasil e fora de nosso país, como uma figura ilustre e ativista contra o racismo e a tendência de embranqueamento (ou embranquecimento) da sociedade brasileira, Abdias também participou do TEN (o importantíssimo Teatro Experimental do Negro). Artista plástico, poeta, escritor, dramaturgo; Abdias Nascimento também teve importantes passagens pela política brasileira. Todavia, é sobre sua participação na FNB que Abdias, na obra de Cavalcante e Ramos (1976), relata o seguinte: “Minhas primeiras experiências de luta foram na Frente Negra Brasileira. Alguns dos dirigente da FNB desde a década de vinte se esforçavam tentando articular um movimento.” E continua: “A Frente fazia protestos contra a discriminação racial e de cor em lugares públicos... sob a perspectiva de integrar os negros na sociedade nacional.” Os locais públicos como hotéis, bares, barbeiros, clubes, guarda-civil, departamentos de polícia, e outros que vetavam a entrada do negro, eram os mais combatidos pela FNB. Abdias comenta: “[...] o que lembrava muito o movimento pelos direitos civis dos negros norte-americanos”.

Em 1937, o mesmo Getúlio Vargas que aparece ao lado de Isaltino Veiga na foto de 1933 do jornal “A Vóz da Raça”, extingue a Frente Negra Brasileira (já transformada em partido, em 1936) e todos os outros partidos brasileiros são dissolvidos, em virtude da implantação do Estado Novo.

Entretanto, segue-se abaixo o cerne de todo este trabalho que é a análise da revista *Raça Brasil* e a confrontação de alguns argumentos relativos à existência ou não de uma imprensa negra legitimamente contemporânea e preocupada com os interesses dos movimentos que representa.

3. REVISTA *RAÇA BRASIL*: UM ESPAÇO CONTEMPORÂNEO DE REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE DO PAÍS

A revista *Raça Brasil* é uma publicação mensal da Editora Escala Ltda. Criada em setembro de 1996 (com 200 mil exemplares de tiragem inicial, esgotados logo no mês de estreia¹), a revista traz conteúdos acerca de beleza, movimentos sociais afro-brasileiros, análise da mídia, cobertura das políticas públicas a favor dos negros, cultura, culinária e eventos ligados à causa de defesa contra a discriminação racial.

A afirmação de Moura e Ferrara (2002, p.4) sobre o fim de uma legítima publicação da imprensa negra classifica desse modo a produção jornalística da revista *Raça Brasil* como uma publicação negrista, isto é, “voltada para o negro, sem a vivência em coletividade ou grupos negros, muitas vezes dirigidas por brancos ou estrangeiros, como é o caso de *Raça – A Revista dos Negros Brasileiros*”. A referência à revista em questão, quando esta ainda pertencia a outra editora, mostra o que o autor pensa sobre as publicações de revistas e outros produtos midiáticos destinados ao público negro.

Todavia, respeitando o trabalho e a pesquisa séria de Clóvis Moura e Miriam Ferrara (2002) ao produzir *Imprensa Negra – Estudo Crítico*, sua visão quanto ao fim de verdadeiros exemplares de produtos destinados ao debate e ao posicionamento dos ideais dos negros frente aos problemas que os rodeiam, de certa forma não se configura como verdade plena.

O primeiro argumento para tal proposição, ou seja, a existência de um veículo pertencente à imprensa negra, como a revista *Raça Brasil*, passa pelo critério básico da discussão e, principalmente, da criticidade jornalística presente constantemente nos discursos veiculados.

Além disso, Oliveira (2006, p. 28) exemplifica o que vem a ser uma publicação fora dos padrões da mídia hegemônica, como uma publicação alternativa. Inclusive, o pesquisador cita a revista *Raça Brasil* como contraponto ao extinto programa *TV da Gente* (apresentado pelo cantor negro Netinho, na Record). Segundo Oliveira:

Em termos de estratégias discursivas, enquanto na primeira proposta se percebe um direcionamento para propostas de superação do

¹Acesso em 12 de set. 2011. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/102/artigo28205-1.asp>>

racismo; na segunda há uma evidente tentativa de exaltação das qualidades estéticas que seriam típicas da população negra.

Em outras palavras, o que o programa televisivo pretendia fazer nada mais era do que apresentar mais uma vez características estereotipadas na grande mídia, e a revista *Raça Brasil*, por sua vez, é vista como veículo de relevância na discussão do racismo.

Não obstante isso, a afirmação de que a revista se descaracteriza de um conceito de imprensa negra por ter em sua hierarquia administrativa cidadãos brancos cai fatalmente no que Sodré (1998, p.2) caracteriza como racismo midiático, isto é, a assertiva que se tem aí é a de que brancos e negros de forma alguma poderiam produzir material de qualidade e que representasse a verdadeira crítica à ausência de políticas públicas aos negros e tantos outros temas.

Só para se ter ideia da presença negra na produção da revista, no período que atinge os exemplares selecionados para pesquisa, o redator dos editoriais é o jornalista e ilustrador negro Maurício Pestana, presidente do Conselho Editorial da Revista *Raça Brasil*. Fica aqui ainda, a título de exemplificação, a realidade editorial de que dificilmente se encontram veículos impressos que autorizam qualquer recém-formado jornalista a assinar os editoriais, pelo contrário: são jornalistas de destaque, qualidade e experiência que representam nestas páginas o pensamento e o posicionamento do veículo comunicacional frente às questões que o circundam.

E mesmo que os leitores de *Raça Brasil* não façam parte de agremiações ou grupos de debate sobre os negros – como afirmam Moura e Ferrara -, de forma alguma a criticidade destes pode ser ignorada ou menosprezada se comparada a outros negros do período compreendido entre 1915 a 1963.

Freitas (2009, p. 13) mostra não apenas *Raça Brasil*, mas também *Jornal Írhoìn* e *Afropress (Agência Afroétnica de Notícias)*, como genuínos meios de comunicação “que tentam heroicamente ultrapassar a barreira determinada pela permanente ausência da imagem e das demandas políticas e sociais do negro na imprensa convencional”.

Num estudo feito por Viviane Pinheiro e Célia Magalhães (2006, p. 508), as capas da revista *Raça Brasil* (de 1996 e de 2004) são motivos de análise de um veículo proposto a apresentar o negro como um ‘ator social’ do Brasil. “Observa-se que [...] os negros são os atores sociais majoritariamente representados, o que já

era esperado, por se tratar de uma publicação presumivelmente direcionada a esse grupo”.

Elas concluem ao fim do trabalho de análise que aspectos de identificação e representatividade do negro na revista são mais do que perceptíveis. As autoras dizem:

É possível afirmar que os significados representacionais e as relações interpessoais de afinidade e demanda estabelecidas entre os observadores da imagem, leitores de *Raça*, e as atrizes sociais representadas, tanto na capa de 96 quanto na de 2004, propiciam a identificação entre os primeiros e as representações construídas pela revista. (PINHEIRO; MAGALHÃES, 2006, p. 510).

Ao passo que John Downing (2002, p. 131), também referindo-se à publicação em questão como uma mídia contra-hegemônica, é categórico ao dizer que a revista *Raça Brasil* oferece: “[...] um endosso, há muito devido, a uma identidade e um status de afro-brasileiros”. Sendo assim, com o argumento balizado por alguns estudos e pesquisadores da área citados; a revista aqui estudada configura-se explicitamente como espaço contemporâneo de representação da negritude brasileira e de seus pontos de vista. E são esses pontos de vistas que serão analisados a partir agora na seção *Opinião de Raça*, da revista *Raça Brasil*.

4. ANÁLISE DA SEÇÃO *OPINIÃO DE RAÇA* E A RELAÇÃO SIMBIÓTICA ENTRE O TEXTO OPINATIVO E A CRÍTICA SOCIAL

Os editoriais são por natureza discursos opinativos quase sempre presentes em veículos comunicacionais impressos. Sobre o assunto, Melo, citado por Vallim e Schoenherr (2011, p. 2), diz o seguinte acerca da definição dos conceitos de informativo e opinativo nos gêneros jornalísticos:

(...) nota, notícia, reportagem e entrevista como gêneros do Jornalismo Informativo, enquanto que editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e cartas do leitor compõem os gêneros do Jornalismo Opinativo.

Dessa forma, observando a estreita relação entre o texto opinativo presente nos editoriais e a crítica social contida nestes, um breve relato das observações de cada texto (seguindo a ordem já descrita na introdução) a análise será feita.

Mesmo a seção *Opinião de Raça* não tendo por título o termo “Editorial”, esta primeira foi escolhida para análise justamente pela riqueza de conteúdo e grandes oportunidades de observação, enquanto que o último apenas apresentava o conteúdo de cada edição com leves comentários sobre as pautas. Como já dito anteriormente, todos os textos analisados foram redigidos pelo jornalista Maurício Pestana.

O primeiro texto a ser analisado é intitulado “Nossa existência no estado brasileiro” (2007, nº 115). O tema central é a participação e a representação dos negros na política e sociedade brasileira. A primeira característica a se ressaltar é a explícita crítica social embasada em números que confirmam a fala do jornalista: “fica mais fácil observarmos a quase nula presença negra nas instâncias de poder administrativo brasileiro”.

Os números citados pelo jornalista mostram o quanto os negros ainda não participam da política e nem dos setores administrativos do País, do Estado e dos Municípios. A grande carga semântica contida no termo adjetivado que ele emprega ao então prefeito de S. Paulo, “alcaide Gilberto Kassab”, denotando assim o alto nível de autoridade deste tais quais os alcaides dos tempos da Reconquista Cristã em Portugal, que recebiam o título nobre vindo do rei e exerciam um poderio quase que incontestável no período histórico. Por fim, pode-se observar que o jornalista conclama em tom de protesto a sociedade (em especial os negros) para que lutem pelos direitos e exerçam um papel mais contestador, participativo e fiscalizador.

De igual modo o texto “Muito além do Estatuto da Igualdade Racial” (2010, nº 146) traz à tona mais uma vez um texto opinativo arraigado de crítica social que mostra algumas particularidades no que diz respeito à comemoração de um ano do Estatuto da Igualdade Racial. São elas: a menção direta de relevância equitativa do estatuto em relação à Lei Áurea (1888); a ausência mais uma vez de representação dos afro-brasileiros no Senado; e a questão do preconceito velado no país (ou na fala de Pestana: “O Estatuto da Igualdade Racial diferencia-se de várias das leis raciais que o antecederam (incluindo a Lei Áurea) no simples fato de não se ater apenas à punição ou ao endossamento da tese de que o Brasil não é racista.”).

Por sua vez, o texto “Para onde vamos no próximo governo?” (2010, nº 147) tem seu foco direto na discussão política dos direitos e políticas públicas já conquistadas e na indagação se elas terão continuidade e aperfeiçoamento num

próximo governo. O jornalista ainda destaca números e estatísticas que conferem legitimidade ao seu argumento de que algumas ações do governo mudaram o cenário de discriminação e preconceito contra os negros, mas muito ainda pode ser melhorado.

O momento em que mais se percebe sua carga opinativa quanto ao partidarismo se dá por não citar nenhuma vez o nome dos candidatos a algum cargo eleitoral, porém ele cita o ex-presidente José Sarney (dando-lhe crédito por duas vezes no texto e reservando a ele status de um quase “profeta”, por assim dizer: “Existem hoje, milhares de ativistas (...), fazendo com que a tal elite em que o presidente Sarney vislumbrava em seu discurso, 22 anos atrás, comece a se configurar.”).

O texto “Ventos do Norte” (2011, nº 152) já apresenta inicialmente o relato de uma experiência vivida pelo jornalista, dado esse que traz ainda mais criticidade e características opinativas no discurso. Escrito em primeira pessoa dessa vez, Pestana traz em seu texto as seguintes críticas: a ausência do negro na representação política e em outros cenários da sociedade elitizada, além da ausência de um ensino de história da África voltado a falar do Egito, por exemplo, trazendo em seu conteúdo os negros como protagonistas de um período próspero.

Inclusive, o jornalista chega a trazer uma informação sem fonte que pode ser um tanto duvidosa, mas que no contexto da leitura apóia sua ideia sobre o esquecimento dos negros egípcios e sua herança. Ele diz: “E que grande parte da destruição dos narizes das esfinges foi realizada por europeus, no intuito de esconder os traços negroides dos faraós”.

Já no texto “Um peso, duas medidas” (2011, nº 156), Pestana traz sua crítica social voltada sob dois pilares que vão se descortinando no decorrer do texto. O primeiro deles é sobre a cota social aos negros nas universidades (e a questão de reparação histórica advinda dos tempos da escravidão) e o racismo midiático ao tratar de temas que envolvem negros.

É importante destacar como a homenagem feita pelos meios de comunicação (inclusive o site Google é citado) ao maestro e músico Antonio Carlos Jobim, ganha contornos disfóricos quando comparada com a pouca ou ausente homenagem ao importante geógrafo “negro” brasileiro Milton Santos quando dos 10 anos de sua

morte (sendo que aqui se encontra um trecho que pode ser considerado eufórico se comparado ao anterior).

Por fim, o texto “As sobrevidas do Estatuto da Igualdade Racial” (2011, nº 157) novamente retoma o tema do estatuto e, principalmente, a indiferença quanto à comemoração de um ano do documento.

Nas palavras de Pestana, são três as grandes dificuldades impostas à efetivação do estatuto: o não apoio de algumas bancadas mais conservadoras do Congresso e o interesse escuso de algumas instituições privadas de ensino superior; a confusão em aceitar determinados conceitos contidos no texto do documento por parte de movimentos dos próprios negros e, mais enfaticamente, o descrédito dos políticos e da sociedade para com o estatuto. Ele afirma: “Tem lei que pega e tem lei que não pega... É como se aqueles que não o mataram antes do seu nascimento tentassem fazê-lo agora com o silêncio, a invisibilidade e o descrédito...”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, o que se pode observar da análise de todos os textos opinativos da seção Opinião de Raça da revista, é que os temas recorrentes são: Estatuto da Igualdade Racial; a ausência de reconhecimento do negro na sociedade e participação política; descrédito a algumas personalidades negras (brasileiras e até mesmo de reconhecimento em escala global); o mito da não existência de preconceito no país; a grande necessidade da sociedade civil (com destaque para os negros) se movimentarem frente às dificuldades e lutarem por melhores políticas públicas voltadas à minorias.

O trabalho empreendido pela Frente Negra Brasileira e tantos outros movimentos de importância do movimento negro têm sua relevância na medida em que sua história é lembrada e trazida não apenas como uma memória saudosista, mas também como fatos, como histórias reais de homens e mulheres que enfrentaram a sociedade de seu tempo com intrepidez e ousadia.

Não obstante, é interessante perceber também que algo fica muito nítido nessa relação simbiótica entre o texto opinativo e a crítica social da imprensa

registrada nas páginas da revista *Raça Brasil*: em dois dos textos analisados o jornalista ou termina ou coloca pelo decorrer do texto perguntas que instigam o leitor a refletir com ele e, que indiretamente, configuram-se com perguntas nas quais as respostas podem ser encontradas no próprio discurso do jornalista. Além disso, constantemente o período escravocrata é lembrado com pesar e sempre relacionado aos dias atuais, chegando ao ponto de Pestana afirmar que os negros vivem em “uma pseudo (*sic*) liberdade”.

Outra consideração importante é o fato de se trazer à tona a história – algumas vezes – omitida nos bancos das Escolas de Comunicação Social do país. Os negros e a Imprensa Negra do Brasil são importantes porque registraram como viviam o mundo e suas transformações políticas, sociais, culturais e econômicas do período em que viviam. Além disso, trazem em seu bojo uma luta enraizada nos afro-descendentes brasileiros da luta contra a discriminação racial em aspectos do cotidiano.

Em síntese, o que se pode ver é que a imprensa negra preserva ainda a sua raiz mais antiga e motivacional: a criticidade em relação ao mundo e o combate constante ao embranquecimento da sociedade e, por conseguinte, de seus meios de comunicação.

Abstract: This paper intend to show the scenario of the black press has changed over the years in the historical and sociopolitical contexts in Brazil. The analysis of the opinative texts of the magazine *Raça Brasil* (Race Brazil) is the only criterion of the choice of speeches drafted in the section “*Opinião de Raça*” (“Race’s Opinion”). The methodology follows is the Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative. What we intend to analyze the kinds of texts in question is the presence of the social criticism in it various nuances related to the against racism, the struggle for social quotas of black in the Universities, the media representation of black culture in the mass media, and a range of issues cataloged during the search in the digital pages of the magazine.

Keywords: Brazilian black press. Magazine *Raça Brasil*. Social criticism.

REFERÊNCIAS

BALSALOBRE, Sabrina R. G. **Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista** – um olhar sobre as formas de tratamento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CAVALCANTE, Pedro Celso Uchôa e RAMOS, Jovelino (orgs). **Memórias do exílio. 1964/19???**. De muitos caminhos. Vol. 1. Lisboa: Arcádia, 1976.

DOMINGOS, Petrônio. Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 13, n. 39, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/275/27503908.pdf>>. Acesso em: 01 de maio de 2012.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical** – rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 2006.

FREITAS, Jorge R. **Imprensa Negra: a trajetória visível**. 1ª ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história do branqueamento ou Negro em questão**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro-RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, UERJ, 2005, p. 1-16.

MOURA, Clóvis; FERRARA, Miriam. **Imprensa Negra** – Estudo Crítico. São Paulo: Imprensa Oficial/Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Denis. Ambivalências raciais. **Revista do Grupo Mídia e Etnia** – a imagem do negro nos meios de comunicação, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 29-32, 2006.

PINHEIRO, Viviane Seabra; MAGALHÃES, Célia. A representação de atores sociais em capas da revista “Raça Brasil”. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL, 33, 2006, São Paulo-SP. **Anais...** São Paulo, PUC-SP, 2006, p. 489 – 513.

PESTANA, Maurício. Nossa existência no estado brasileiro. **Revista Raça Brasil**, São Paulo, edição 115. Disponível em: < <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/115/artigo64570-1.asp>>. Acesso em: 14 de setembro de 2011

_____. Muito além do Estatuto da Igualdade Racial. **Revista Raça Brasil**. São Paulo, edição 146. Disponível em: < <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/146/artigo180930-1.asp>>. Acesso em: 14 de setembro de 2011.

_____. Para onde vamos no próximo governo. **Revista Raça Brasil**. São Paulo, edição 147. Disponível em: < <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/147/artigo184957-1.asp>>. Acesso em: 14 de setembro de 2011.

_____. Ventos do Norte. **Revista Raça Brasil**. São Paulo, edição 152. Disponível em: < <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/152/artigo211060-1.asp>>. Acesso em: 14 de setembro de 2011.

_____. Um peso, duas medidas. **Revista Raça Brasil**. São Paulo, edição 156. Disponível em: < <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/156/artigo221143-1.asp>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

_____. As sobrevidas do Estatuto da Igualdade Racial. **Revista Raça Brasil**. São Paulo, edição 157. Disponível em: < <http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/157/artigo226087-1.asp>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

SODRÉ, Muniz. Sobre imprensa negra. **Lumina** - FACOM, Juiz de Fora – MG, v. 1, n. 1, p. 23-32, jul./dez. 1998.

VALIM, José Renan; SCHOENHERR, Rafael. Opinião dos Jornais: uma discussão sobre o jornalismo opinativo atual como construção histórica. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 12, 2011, Londrina-PR. **Anais...** Londrina, UEL/UNOPAR, 2011, p. 1-11.

VELASCO, Bárbara M. de. “Morte a ré...pública” – Frente Negra Brasileira: Monarquismo Paulista no século XX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4, 2009, Maringá-PR. **Anais...** Maringá, UEM, 2009, p. 2395- 2406.